

A EXPERIÊNCIA DA SURDEZ NARRADA A PARTIR DE MÚLTIPLAS SENSORIALIDADES: PENSAMENTOS A PARTIR DE RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS

Janaina Cabello¹

Resumo: O trabalho apresenta dois relatos autobiográficos de uma pessoa surda a respeito de suas vivências e memórias e que são tomados como ponto de partida para pensar como essas narrativas singulares podem desenhar uma surdez mais à margem do que vem sendo construído por narrativas mais amplas, que ora apresentam a surdez como deficiência, como um corpo “que não funciona”, ora como diferença e, nessa direção, tendo fundamentalmente a língua de sinais como aspecto constitutivo de uma identidade surda única. Nesse sentido, discuto brevemente a necessidade da defesa da surdez como uma categoria semi-fictícia e semi-necessária, buscando através de um percurso metodológico que faz uso das narrativas autobiográficas como dispositivos para a (re)organização de representações sobre si, fazer reverberar também o que diz uma pessoa surda sobre suas memórias particulares e sobre suas vivências cotidianas, no exercício de dar a ver modos singulares de compreensão e de experiência da surdez a partir de outras sensorialidades.

Palavras-chave: Autobiografia. Memória. Surdez. Língua de sinais.

¹ Doutora e Mestre em Educação pela UNICAMP, na linha de pesquisa Linguagem e Arte em Educação. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, no bacharelado em Tradução e Interpretação Libras/Língua Portuguesa (TILSP). Coordenadora do Grupo de Estudos Diferenças e Surdez em pauta (GEDISp). Contato: janainacabello@ufscar.br

THE EXPERIENCE OF DEAFNESS NARRATED FROM MULTIPLE SENSORIALITIES: THOUGHTS FROM AUTOBIOGRAPHICAL REPORTS

Janaina Cabello

Abstract: The work presents two autobiographical reports of a deaf person about their experiences and memories, which are taken as a starting point to think how these singular narratives could draw a deafness more off-center than has been built by broader narratives, which now they present deafness as a disability, as a body “that does not work”, sometimes as a difference - and, in this sense, fundamentally with sign language as a constitutive aspect of a unique deaf identity. In this sense, I briefly discuss the need to defend deafness as a semi-fictional and semi-necessary category, searching through a methodological path that makes use of autobiographical narratives as devices for the (re) organization of representations about oneself, also making what a person says reverberate. deaf about their private memories and about their daily experiences, in the exercise of showing unique ways of understanding and experiencing deafness from other sensorialities.

Keywords: autobiography, deafness, memory, Brazilian Sign Language.

INTRODUÇÃO: CENÁRIO

O 'acontecimento' é também essa expressão fragmentada do ser, oferecida como vestígio, lembrança, amnesiado e, ao mesmo tempo, seguido pelo eco de vibrações do mundo à sua volta. (FARGE, 2009, p. 82).

A surdez tem se configurado, quando pensada como campo de saber, como um território de representações tradicionalmente dividido, de uma maneira simplificada, entre duas perspectivas que caracterizam e governam as práticas e os discursos: a perspectiva clínica e a perspectiva socioantropológica. Esses dois grandes modelos podem ser facilmente reconhecidos, pois a literatura da área se dedicou amplamente, nos últimos anos, “a demarcar as diferenças entre a perspectiva clínico-terapêutica (para a qual a noção de deficiência é central) e a concepção socioantropológica de surdez (baseada na noção de diferença)” (BISOL; SPERB, 2010, p. 7).

Apesar de esses discursos comporem a surdez a partir de campos teóricos apresentados necessariamente como opostos, acredito que existam os “espaços vazios, os interstícios, os territórios intermediários que não estão presentes nesses modelos, mas que transitam, flutuam entre eles” (SKLIAR, 1998, p. 9). Nessa direção, ao considerarmos as práticas discursivas relacionadas à surdez, percebemos que a separação de ambas as representações (que se diferenciam, dentre outros aspectos, pelo *status* dado à língua portuguesa oral e a língua de sinais) “resulta artificial” (SKLIAR, 1998, p. 10). Isso porque, aparentemente, aspectos que também constituem subjetivamente as pessoas surdas para além das línguas em jogo (suas próprias experiências cotidianas) escapam às formas como esses dois grandes modelos teóricos vêm sendo discutido.

A esse respeito, Pagni e Martins (2019) evidenciam que, para além da condição médica (da falta orgânica da audição e de suas implicações) e da perspectiva cultural (com a aparição de outra língua, a gestual), é preciso considerar “as marcas sensíveis que a surdez consolida na vivência das pessoas surdas” (p. 1), relacionadas às experiências com outras sensorialidades, ou mesmo aos modos como as relações afetivas vão sendo tecidas a partir, fundamentalmente, da condição da falta de audição.

No bojo dessa afirmação, considerando tais experiências como os territórios intermediários apontados por Skliar (1998), pretendo apresentar neste breve texto dois pequenos relatos autobiográficos de uma pessoa surda a respeito de suas vivências e memórias, recuperando nessas histórias singulares fragmentos, pistas, relatos de uma “estranheza”. Recordações íntimas e afetivas da relação com a diferença, mas de “dentro da surdez” e, nesse sentido, trazer à cena momentos, lembranças, que podem ser compreendidas como fragmentos de “quando surge a consciência de minha diferença” (KRISTEVA, 1994, p. 9), colocando em relevo outras sensorialidades, que teriam a possibilidade enunciativa para pensarmos sobre a experiência da surdez.

Esses pequenos relatos foram publicados em um livro chamado “As imagens dos outros sobre a cultura surda” (STROBEL, 2018). Na obra, a autora “percebe que o ser surdo é algo estranho ao outro e por isso traz [...] os artefatos que constituem este ser estranho ao não surdo; [...] pega o leitor pela mão e o faz perseguir as trilhas dos surdos de um jeito surdo” (QUADROS, 2018, p. 16).

Desse modo, considere que as breves passagens autobiográficas apresentadas pela autora surda nesse livro pudessem compor um desenho de narrativas sobre a surdez mais à margem, com um “caráter mais *testemunhal* da identidade, a ‘visão de si’ que só o sujeito pode dar sobre si mesmo – independentemente de sua ‘verdade’ referencial” (ARFUCH, 2010, p. 124).

Ou ainda, dito de outro modo, uma surdez localizada *nos* sujeitos, que pode ser lida em outras materialidades e composições para além do que apresentam as grandes narrativas que vêm determinando práticas e concepções sobre a surdez, que ora a situam como deficiência, como um corpo “que não funciona” (portanto sujeito à reparação e reabilitação), ora a apresentando como diferença e, nessa direção, tendo fundamentalmente a língua de sinais como o único aspecto constitutivo da identidade surda.

A respeito da defesa de uma identidade surda, ressalto sua necessidade para a constituição de um campo de afirmação surda ou, em outras palavras, na tentativa da “invenção de outros mundos”, como apontado por GUATTARI (1993), em processos chamados pelo autor de *singularização*, que são maneiras de

recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidades, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p. 17).

Compreendo que os processos de singularização surda, nesse contexto, se constituíram como movimentos de resistência às décadas em que os surdos esperaram para terem direitos básicos reconhecidos: direito ao casamento, ao trabalho, ao estudo e à língua (SOUZA, 1998; BRITO, 2013). Direito a, simplesmente, ser surdo – resistindo a um processo histórico de *ouvintização* (SKLIAR, 1998), numa perspectiva clínica/médica de reabilitação e normatização². Olhar esse processo de apagamento mais de perto evidencia como, ao longo da história, os surdos tiveram suas narrativas silenciadas em favor da ordem de uma esfera normativa (SANCHEZ, 1990), ou, nas palavras de Mignolo (2008), de uma identidade “imperial”, em que

o valor de vidas humanas a qual pertence a vida do enunciador, se torna uma vara de medida para avaliar outras vidas humanas que não têm opção intelectual para contar a história e classificar os eventos de acordo com uma classificação de vidas humanas: ou seja, de acordo com uma classificação racista (MIGNOLO, 2008, p. 294).

Nesse cenário, em princípio, parto da compreensão de que a *defesa uma identidade surda* se configurou, em um primeiro momento, como uma criação necessária na tentativa radical e legítima de garantia de justiça e de direitos ou ainda, como posto por Sousa Santos (2018), como um “essencialismo estratégico” na criação do que o autor chama de “fronteiras defensivas”, semi-fictícias e semi-necessárias (SOUSA SANTOS, 1994) – que se colocam como um problema e um dilema de nosso tempo, uma vez que “quem pergunta por sua identidade questiona as referências hegemônicas mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição de outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação” (SOUSA SANTOS, 2018, p. 135).

² A esse respeito, consultar, por exemplo: Lane (1992); Skliar (1998); Souza (1998); Lacerda (1998); Strobel, (2012); Caldas (2012); Campos e Stumpf (2012), para citar alguns autores e autoras.

Tais “fronteiras defensivas”³ foram, historicamente, sendo criadas já que, quando não há o explícito esmagamento dos modos de expressão específicos dos surdos, de suas pautas e solicitações, o apagamento se faz no paradoxal movimento de valorização, desenvolvimento e incentivo de suas reivindicações, “[...] enquanto, é óbvio, não interferirem nas coisas sérias, isto é, nas coisas da produção e da política” (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p. 72).

Desse modo, acredito que narrativas de experiências singulares, cotidianas, rotineiras, que reivindicam “[...] o estatuto de ser nomeado Surdo, com letra maiúscula, subjetivado por uma condição cultural, que, na maioria das vezes, centraliza o uso da Língua de Sinais, como marca ‘autêntica’ das culturas surdas” (KLEIN; LUNARDI, 2006, p. 16) têm potencialidade enunciativa, possibilitando “[...] rastrear deslocamentos e realinhamentos que são resultado de antagonismos e articulações culturais – subvertendo a razão do momento hegemônico e recolocando lugares híbridos alternativos, de negociação cultural” (BHABHA, 2003, p. 248).

Nessa perspectiva, portanto, considerar pensamentos e sentimentos nos momentos em que a surdez é flagrada como uma condição de diferença no contato com o outro pode abrir brechas no que vem sendo narrado pela esfera acadêmica, pelo campo jurídico e legislativo ou mesmo pelos discursos médico e clínico, deslocando o olhar para (também) as recordações das pessoas surdas, seus afetos e experiências do dia-a-dia, o que é corriqueiro, os “fragmentos de vida” (FARGE, 2009) que, de algum modo, marcam negociações sobre o modo singular de se constituir como pessoa surda, ao mesmo tempo em que parecem também poder constituir uma narrativa coletiva e mais ampla sobre a surdez.

Olhar para o cotidiano das pessoas surdas a partir de suas memórias singulares “convida a pensar o ‘único’, a refletir sobre o conceito histórico de indivíduo e a tentar uma difícil articulação entre as pessoas anonimamente mergulhadas na história e uma sociedade que as contém” (FARGE, 2009, p. 90).

3 Aqui, não desconsidero a fragilidade e os riscos da luta identitária que, ao mesmo tempo em que se mostra como uma corajosa afirmação da vida, pode acabar se fechando em “gueto”, vindo a ter finalidade em si mesmo e abrindo brechas aos microfascismos (GUATTARI; ROLNIK, 1993). Não tenho como objetivo me deter nessa discussão neste breve texto, que pode ser adensada em Guattari e Rolnik (1993).

A tentativa aqui, portanto, é dar visibilidade às memórias mais particulares das pessoas surdas, aos agenciamentos possíveis nas tensões entre surdos e ouvintes, extravasando a aparente homogeneidade das duas grandes narrativas que, comumente, “não conseguem desligar-se da questão das línguas – língua de sinais/língua oral” (SKLIAR, 1998, p. 8), em um exercício de pensamento de articular outros modos de compreensão da surdez, reinscritos nas narrativas das pessoas surdas.

Dessa maneira, ao deslocarmos a experiência da surdez da forma como é apresentada pelos campos teóricos para o que “se vive na pele”, ou seja, para os agenciamentos possíveis que compõem o plano do cotidiano e as experiências rotineiras dos surdos, percebemos que “pode-se livrar da ilusão de uma universalidade, de uma verdade total e definitiva a reconstituir globalmente” (FARGE, 2009, p. 93).

Nessa direção, pretendo esboçar, mesmo que brevemente, uma possibilidade de constituição de uma “história da surdez” composta por pequenos depoimentos de vida, contos que se costuram, se complementam e se contradizem, descolando a experiência da surdez das construções teóricas e abstratas (sejam elas fruto do discurso médico ou do discurso da diferença cultural) e pondo em cena as “existências de acontecimentos minúsculos incontornáveis, espicaçando o saber tradicional com uma ‘realidade’ trivial e flagrante” (FARGE, 2009, p. 93-94).

Para tanto, interessou-me nesse texto o exercício de me colocar em movimento, [...] “em estado de variação contínua para que novas realidades sejam criadas” (SILVA, 2020, p. 238). Nesse sentido, retornei aos excertos autobiográficos apresentados por Karin Strobel (2018) ao longo de sua escrita, percebendo o uso desse recurso pela autora como uma estratégia para a ampliação de nossa compreensão (nós ouvintes, que não vivenciamos a experiência da surdez “por dentro da pele”) sobre os conceitos que apresenta e defende, como cultura surda ou identidade surda, por exemplo.

O trabalho com a autobiografia como fonte de investigação e método de pesquisa “[...] assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar sua própria história e de refletir sobre ela” (PASSEGGI, NASCIMENTO, OLIVEIRA, 2002, p. 114). Sobre as possibilidades do trabalho autobiográfico com pessoas surdas, a título de alguns exemplos, Muller e

Mianes (2016) analisaram os processos identitários e as representações de sujeitos surdos ou com deficiência visual, problematizando relatos escolares em narrativas autobiográficas; Sousa e Santos (2018) investigaram a autorrepresentação das pessoas surdas a partir da autobiografia da professora surda Shirley Vilhalva e Patrocínio (2020), por sua vez, debruçou-se sobre narrativas autobiográficas de autores surdos que publicam suas obras em língua portuguesa.

Portanto, justifico a escolha metodológica trazida aqui por compreender a autobiografia como a escrita de si, da própria vida, que permite com que a partir das narrativas haja a reconstrução da experiência e, ao mesmo tempo, a percepção de (auto) construção de si e do outro (RÖWER, 2016).

Desse modo, coloco-me ao lado de Gisele Rangel (2012), pesquisadora surda, quando afirma que “é preciso abrir o baú da memória com as mãos dos próprios surdos e apresentar as nossas próprias histórias, pois ainda há muito para contar e construir” (p. 226). Ao me permitir o encontro com as lembranças de episódios cotidianos em que a surdez é percebida, sentida, evidenciada, ou seja, sobre como a estranheza de si e entre si e os outros vai compondo as vidas surdas, é possível colocar em cena “rostos e sofrimentos, emoções e poderes criados para controlá-los” (FARGE, 2009, p. 94).

A partir dessas reflexões, apresento a seguir alguns pensamentos mobilizados pelos excertos de relatos autobiográficos que são apresentados pela autora surda Karin Strobel (2018), como citado anteriormente.

RELATOS

Seria possível, a partir de experiências singulares, de “acontecimentos minúsculos, incidentes mais do que costumeiros, personagens comuns” (FARGE, 2009, p. 79), pensar na singularidade surda – para além de *uma* identidade de sujeito surdo apenas como ou oralizado ou sinalizante⁴?

4 Os surdos oralizados são definidos pela literatura da área como aqueles que, após longos processos de reabilitação fonoaudiológica e através de recursos como aparelhos auditivos ou processos cirúrgicos, desenvolvem possibilidades de comunicação pela língua oral. Já os surdos sinalizantes são aqueles que fazem uso prioritariamente (e, em muitos casos, exclusivamente) da língua de sinais.

Seria possível compreender, nessa direção, o fechamento das questões identitárias como “também o espaço cultural para a abertura de novas formas de identificação que podem confundir a continuidade das temporalidades históricas, perturbar a ordem dos símbolos culturais, traumatizar a tradição”? (BHABHA, 2003, p. 250).

Quais seriam os agenciamentos possíveis, nessa direção, se sairmos do campo das narrativas binárias, opostas, mas nos atentarmos a um espaço híbrido, de fronteira, que podem ser percebidos como enunciativos, os “interstícios”, como citado por Skliar (1998)?

Reconhecendo, como afirmado pela autora surda Karin Strobel que “os sujeitos surdos sempre tiveram estereótipos sociais como seres inferiores aos sujeitos ouvintes, como seres ‘deficientes’ que precisavam se adequar, caminhar para a ‘normalidade” (STROBEL, 2018, p. 104), trarei duas de suas narrativas pessoais publicadas na obra “As imagens do outro sobre a cultura surda” (que teve sua primeira edição publicada em 2008), não com a pretensão de responder as questões apresentadas anteriormente, mas de fazê-las ventilar.

Com os relatos, pretendo acenar para uma leitura da surdez que busca, para além de estereótipos e do amplo movimento que tem sido feito para rompê-los (que tem versado, majoritariamente sobre a língua de sinais), considerar um *ethos* surdo (PAGNI, MARTINS, 2019), ou seja, uma subjetividade surda que também pode ser tecida por outras expressividades, pela diferença do (e no) olhar, pelo tato, pela imaginação, pelo pensamento, como uma condição que se amplia do “não ouvir” para uma forma específica de ser, estar, de (se) narrar (n)o mundo.

Como citado anteriormente, reafirmo a legitimidade da luta surda pelas línguas de sinais e do movimento social surdo pelo seu reconhecimento em um contexto no qual há “a presença de estratégias normalizadoras do corpo surdo, estendendo-se no tecido social, pelo não reconhecimento da experiência da surdez” (PAGNI, MARTINS, 2019, p. 14), a proposta aqui é fazer um exercício de ampliar os possíveis jogos de linguagem que poderiam narrar as experiências surdas, compreendendo que os relatos apresentados podem ser lidos como recortes e indícios de uma memória composta de outras sensorialidades, de uma “experiência afetiva da marginalidade social – [e de] como ela emerge em formas culturais não-canônicas” (BHABHA, 2003, p. 240).

Assim, considero que as experiências vividas e reinscritas pelos surdos e exemplificadas nessas pequenas narrativas podem ser lidas de modo a transbordar a questão das línguas de sinais e/ou línguas orais – outras experiências relacionadas ao ver, pensar, sentir, desejar, imaginar e sonhar e que aparecem como possibilidades enunciativas, a partir de outros agenciamentos, com a intenção de “[...] estabelecer um processo pelo qual outros objetificados possam ser transformados em sujeitos de sua história e de sua experiência” (BHABHA, 2003, p. 248).

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA: OLHAR

A relação com a surdez é narrada, aqui, a partir do que captou o olhar. Olhar de quem se percebe diferente e pelo olhar daqueles que se encontram “do lado de fora” da diferença. As experiências cotidianas colocam os sujeitos frente a frente com suas diferenças, evidenciando que

o acontecimento histórico está também na eclosão de singularidades tão contraditórias quanto sutis e às vezes intempestivas. A história não é o relato equilibrado da resultante de movimentos opostos, mas se encarrega das asperezas do real percebidas por lógicas díspares em choque umas com as outras (FARGE, 2009, p. 85).

Nessa direção, pensar em remodelar os discursos sobre a surdez a partir do cotidiano, dando visibilidade também ao que vem sendo experienciado a partir de outras sensorialidades (como o olhar, por exemplo), pode abrir possibilidades de outras leituras a respeito da surdez e de como os surdos podem (se) constituir (em) modos bastante particulares e singulares de existências: o olhar distraído para os lábios da professora, que abre possibilidades de leitura: “*Eu* faço o que se quer, mas não sou ‘eu’ – meu ‘eu’ está em outro lugar, meu ‘eu’ não pertence a ninguém” (KRISTEVA, 1994, p. 16).

A surdez, nesse sentido, pode ser “lida” a partir das narrativas que colocam a audição (ou a ausência da audição) em segundo plano, sendo destacadas outras sensorialidades – como a experiência visual, por exemplo - como um modo de compreensão de mundo, de espaço, de constituição de formas de (con)vivência entre surdos e ouvintes, e do que os surdos suscitam (ou podem suscitar) nos ouvintes com suas presenças.

A língua (oral ou de sinais) poderia ser posta em suspensão, não sendo o primeiro elemento evidenciado como chave de compreensão/leitura da surdez, que pode ser compreendida e narrada também como uma experiência sensorial distinta, descolada das representações dos “falantes de línguas de modalidades diferentes”. Um *outro*⁵ modo de narrar a surdez, portanto, em que o surdo “agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo” (KRISTEVA, 1994, p. 13); como acontecimento que se constitui de singularidades que reivindicam outras experiências, compreendendo as forças que passam pelo corpo e reinventando-se a partir deste lugar.

Esses *outros modos* de narrar e experienciar a surdez podem ser pensadas, então, como potência de criação e de possibilidades, ao mesmo tempo em que também podem deslocar os modos de “ser ouvinte”, ao abrir possibilidades para repensarmos (nós, ouvintes) que “viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de *ser um outro*. Não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de *estar em seu lugar* – o que equivale a pensar sobre si e a se fazer outro para si mesmo” (KRISTEVA, 1994, p. 21 – grifos da autora).

O que as pessoas surdas relatam sobre seus sentimentos e vivências poderiam, portanto, “[...] dar conta da intenção de visibilizar as experiências dos sujeitos, denotando sua importância para a análise cultural e educativa, campo de possibilidades que circunscreve o espaço biográfico, onde se privilegia o vivencial, o íntimo, o privado” (ARFUCH, 2002, *apud* HERRERA, 2015, p. 399), dando abertura para outras narrativas sobre uma existência surda – narrativas singulares, mas com potencialidade de constituição de experiências coletivas.

SEGUNDA EXPERIÊNCIA: AFETOS

Ao contrário do que as narrativas sobre a surdez têm recorrentemente apresentado sobre as “certezas” a respeito dos posicionamentos sobre a “identidade surda” (PERLIN, 1998), a surdez como retratada acima pode ser lida também como dúvida, como incerteza: “*Mas na verdade eu tinha uma língua?*”. A experiência de “ser surdo” é deslocada para um território de afetos (para aquilo que “se sente” – ansiedade, medo, dúvida).

⁵ O uso do adjetivo “outro” é bem marcado na obra “O corpo utópico e as heterotopias” (2013), em que Michel Foucault lança dessa adjetivação para qualificar a potência criativa – aqui, dos modos de narrar a surdez.

A surdez vivenciada enquanto afeto parece, nessa direção, ser “parcialmente convertida em linguagem, ficando [algo] em descoberto na comunicação, entre participantes de uma comunidade seja de iguais, seja de diferentes” (PAGNI, MARTINS, 2018, p. 19).

Desse modo, diante das representações sobre a surdez como vivida “de um modo ou outro”, as experiências de entremeio parecem não dar conta das tensões e da potencialidade dos afetos nas formas de vida denominadas surdas. Como experiências de “entremeio”, de espaços subjetivos “de fronteira”, considero, por exemplo, as pessoas que perderam a audição súbita ou progressivamente (depois de já terem adquirido a língua oral) ou daqueles que, mesmo com surdez congênita, depois de longos processos de oralização e acompanhamento fonoaudiológico, conseguem se comunicar minimamente pela língua oral, apesar de não ouvirem.

Essas experiências expõem as zonas de contato entre as línguas e entre os modos singulares de subjetivação de surdos e ouvintes coabitando essa fronteira e, nessa direção, de acontecimentos sentidos na superfície do corpo que não podem ser representados. Isso porque, nos acontecimentos como o ilustrado acima, as metanarrativas não dão conta de “uma ordem outra de vida manifesta pela surdez” (PAGNI, MARTINS, 2018, p. 18).

No que se refere a uma possível diferenciação da forma de vida surda não centrada na diferença linguística (apenas) e ao que suscita os afetos, pode-se pensar na direção do que aponta Bhabha (2003), ao afirmar que

Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social – como ela emerge em formas culturais não-canônicas – transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura [...] para além da canonização da “ideia” de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social (BHABHA, 2003, p. 241).

Nesse cenário, talvez seja possível dar outros contornos à surdez como uma forma de existência singular, pensando em outras possibilidades de futuro para o que já vem sendo produzido, representado e reivindicado pelos surdos, dando outras projeções para que as pessoas surdas possam “viver intimamente, subjetivamente, com os outros, viver os outros, sem ostracismo, mas também sem nivelamento” (KRISTEVA, 1994, p. 9).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pretendi, no breve espaço deste trabalho, refletir sobre as possibilidades de se narrar a surdez como fragmentos de lembranças, de pequenos momentos de vida, no que é flagrado “de dentro para fora”, ou seja, percebido como diferença pelos próprios surdos (sensorial e afetiva), para além da diferença linguística, tocada sem precisar ser descrita ou narrada a partir do que é previsto para a surdez pelos pressupostos dos modelos teóricos tradicionais.

Nessa direção, penso que os grandes modelos teóricos que historicamente vem narrando a surdez parecem trazer rostos e histórias, deixando muitas vezes de fora “[...] o que não pode ser nomeável, o que é a-significante, o que pertence à sensibilidade ou à experiência e, por ser subjetiva ou privada, ainda não pode ser traduzível em linguagem” (PAGNI, MARTINS, 2019, p. 19) e que, por conta disso, podem representar a surdez praticamente como um constructo homogêneo, no qual os surdos parecem ocupar lugares pré-determinados quanto às línguas, identidades e subjetividades, dando menor relevo ao trânsito, ao contato, ao jogo comunicacional particular na relação entre os próprios surdos e também entre os surdos e os ouvintes. Nesse sentido, na direção do que aponta Arfuch (2010), considero que

Não haveria ‘uma’ história do sujeito, tampouco uma posição essencial, originária ou mais ‘verdadeira’. É a multiplicidade dos relatos, suscetíveis de enunciação diferente, em diversos registros e co-autorias (a conversa, a história de vida, a entrevista, a relação psicanalítica), que vai construindo uma urdidura reconhecível como “própria”, mas definível só em termos relacionais: eu sou tal aqui em relação a certos outros diferentes e exteriores a mim (ARFUCH, 2010, p. 129).

O recorte apresentado nesse trabalho, portanto, foi dado por considerar que as narrativas das pessoas surdas podem, quando olhadas mais de perto, ir compondo outros cenários, menos enfatizados quando as discussões sobre as diferenças surdas são postas em cena (seja por ouvintes ou mesmo por pesquisadores e militantes surdos). Nessa direção, não pretendi focalizar “os acontecimento particulares por si sós, mas pelo que revelam sobre a cultura em que ocorreram” (BURKE, 1992, p. 329).

Considerarei os relatos autobiográficos na direção do que aponta Burke (1992), ao evidenciar “os acontecimentos como a superfície do oceano da história” (p. 328). Qual (is) história(s) poderia(m), então, estar mais submersa(s), a partir da leitura do cotidiano surdo, em seus aspectos rotineiros, na aparente futilidade do dia a dia que, ao mesmo tempo em que se repete, também produz imprevisibilidades e abre potencialidades para processos singulares e agenciamentos para outras narrativas sobre a surdez?

Nesse sentido, acredito que seria possível, a partir dessas vivências pessoais, autobiográficas, propor narrativas que recuperem a memória individual para fazer transbordar as grandes narrativas que vêm sendo forjadas a partir de experiências aparentemente “universais” de surdos em seus processos de socialização e de constituição de si, “arejando”, nesse sentido, as representações mais homogêneas sobre a surdez.

Rememorando eventos singulares e trazendo à cena outras narrativas em relação à surdez - narrativas íntimas, cotidianas, pequenos acontecidos “que produzem efeitos psíquicos, orgânicos, neuronais, físicos, enfim, de toda sorte sobre a superfície dos corpos” (PAGNI; MARTINS, 2019, p.3) - talvez possam ser tecidas também outras possibilidades de constituição da surdez como campo, como forma (diferente) de vida menos “teoricizada”.

Nesse ensejo, me propus nesse texto a pensar sobre o resgate de memórias a partir de relatos autobiográficos de pessoas surdas e nas possibilidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois a autobiografia “põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos” (MOITA, 1995, p. 113).

Retomando, portanto, a potencialidade da autobiografia como dispositivo para fazer reverberar também o que diz uma pessoa surda sobre suas memórias particulares e sobre suas vivências cotidianas, no exercício de dar a ver modos singulares de compreensão e de experiência da surdez a partir de outras sensorialidades, pretendi apresentar algumas reflexões - e, em diálogo com o título da obra de onde retirei os excertos autobiográficos apresentados ao longo do trabalho (“As imagens do outro sobre a cultura surda”) também pensar as potencialidades da autobiografia para trazer à lembrança e resgatar da memória as imagens dos surdos sobre si mesmos, construídas no tecido da cotidianidade.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- BHABHA, H. K. **O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência**. In: **O local da cultura**. Tradução M. Ávila; E. L. L. REIS; G. R. GONÇALVES. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BISOL, C.; SPERB, T. M. **Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido**. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 1, p.7-13, 2010.
- BRITO, F. B. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais**. Tese de Doutorado em Educação Especial. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013.
- BURKE, P. História dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- FARGE, A. **O sabor do arquivo**. Tradução Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.
- GUATTARI, G.; ROLNIK, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- HERRERA, M. C. Narrativa testimonial sobre violência política y formación de subjetividades. In: ARANGO, G. J. (org.). **Narraciones de experiencia en educación y pedagogía de la memória**. Buenos Aires: UBA, 2015.
- KLEIN, M.; LUNARDI, M. L. Surdez: um território de fronteiras. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 14-23, 2006.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução M. Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MIGNOLO, W. D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Caderno de Letras da Universidade Federal Fluminense – Dossiê literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In: NÓVOA, A. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.
- MULLER, J. I.; MIANES, F. L. Narrativas autobiográficas de surdos ou de pessoas com deficiência visual: análise de identidades e de representações. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 246, p. 387-401, 2016.
- PAGNI, P.; MARTINS, V. R. O. Corpo e expressividade como marcas constitutivas da diferença ou do ethos surdo. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019.
- PASSEGGI, M.; NASCIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação. **Revista Lusófona de Educação**, v. 33, p. 111-125, 2002.

PATROCÍNIO, P. R. T. Notas sobre narrativas autobiográficas de autores surdos. **Revista Araticum**, v. 21, n. 1, p. 91-103, 2020.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R. M. Apresentação. In: STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

RANGEL, G. M. M. **História cultural da pedagogia dos surdos: 15 anos depois**. In: PERLIN, G; STUMPF, M. (orgs). **Um olhar sobre nós surdos – leituras contemporâneas**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

RÖWER, J. E. **Por uma sociologia da suspensão: ensino de sociologia e narrativas como dispositivo de formação**. 206 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

SANCHEZ, C. **La increíble y triste historia de la sordera**. Merida, Venezuela: **CEPROSORD**, 1990.

SOUSA SANTOS, B. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, p. 31-52, 1994.

SOUSA SANTOS, B. **Esquerdas do mundo, uni-vos!** São Paulo: Boitempo, 2018.

SOUZA, M. R. **Que palavra que te falta? Linguística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SILVA, R. F. Os dramas da pesquisa ou sobre escrita acadêmica e vida. **Revista ALEGRAR**, n. 25, p. 238 – 249, 2020.

SOUSA, M. J. F.; SANTOS, R. A. F. A autorrepresentação do sujeito surdo na autobiografia da autora surda Shirley Vilhalva. **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA**, p. 4-15, 2018.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.